

3.1 Cursos d'água e a construção do território patrimonial: o caso de Ouro Preto

Camila Ferreira Guimarães [0000-0002-6776-588X], Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, Brasil. camilaferreiraguimaraes@hotmail.com

Manoel Rodrigues Alves [0000-0002-6935-0477], Universidade de São Paulo, Instituto de Arquitetura e Urbanismo, São Carlos, Brasil. mra@sc.usp.br

Resumo - A colonização marcada pela exploração da mineração foi responsável pela consolidação da ocupação urbana em Ouro Preto. O papel dos cursos d'água foi fundamental para a construção do território, seja por sua função na mineração, pelas decisões frente à ocupação urbana ou pela construção dos objetos históricos. A presença da água na conformação urbana esteve marcada por seu caráter enquanto um bem comum por meio dos chafarizes – a água pública –, dos elementos fundamentais para a exploração econômica pela mineração – água enquanto recurso– e da construção do patrimônio ambiental – água enquanto herança. No contexto contemporâneo nos deparamos com diversas situações: problemas de saneamento, os valores simbólicos e culturais associados aos cursos d'água, a exploração econômica do patrimônio natural e cultural e as consequências da prática da mineração enquanto uma constante ameaça ao território patrimonializado. Neste sentido, propomos a análise da produção da cidade a partir da relação com os cursos d'água, mapeando o espaço não apenas enquanto objeto, mas compreendendo o processo de constituição deste e a sua relação com o território e seus elementos simbólicos e culturais. Ressalta-se a relação com a bacia hidrográfica na conformação urbana, como forma de valorização do patrimônio e da cultura.

311

Palavras-chave - Patrimônio, território, Ouro Preto, produção da cidade

Resumen - La colonización desplegada por la explotación de la minería fue la responsable de la consolidación de la ocupación urbana en Ouro Preto. El papel de los cursos de agua constituyó un insumo fundamental para la construcción del territorio, ya sea por su papel en la minería, en las decisiones de ocupación urbana o por la construcción de objetos históri-

cos. Así, la presencia del agua en la configuración urbana estuvo marcada por su carácter de bien común a través de las fuentes -agua pública-, los elementos fundamentales para la explotación económica minera -el agua como recurso- y la construcción del patrimonio ambiental -el agua como herencia-. En el contexto contemporáneo, nos enfrentamos a varias situaciones: los problemas de saneamiento, los valores simbólicos y culturales asociados a los cursos de agua, la explotación económica del patrimonio natural y cultural y las consecuencias de la práctica minera como una amenaza constante al patrimonio territorial. En este sentido proponemos el análisis de la producción de la ciudad desde la relación con los cursos de agua, mapeando el espacio no sólo como objeto, si no entendiéndolo desde su constitución como procesos y relaciones con el territorio y sus elementos simbólicos y culturales. La relación con la cuenca hidrográfica en la configuración urbana es señalada como una manera de valorar patrimonio y cultura

Palabras clave - Patrimonio, territorio, Ouro Preto, producción de la ciudad

1. INTRODUÇÃO

312

O processo de ocupação e consolidação urbana da cidade de Ouro Preto teve como elementos indutores a mineração e sua relação com os cursos d'água. Estes foram essenciais tanto para a viabilização dos modelos econômicos de mineração, quanto para a sobrevivência no território. Assim, a relação da água com a formação do território sempre esteve presente, alimentando o modelo de exploração econômica da colonização e impulsionando as ocupações nas encostas ao longo da busca por ouro nas regiões de Minas Gerais. O trabalho aqui apresentado tem como foco a construção de uma reflexão crítica sobre a ocupação do território da cidade de Ouro Preto e sua relação com os cursos d'água, que foram sendo resignificados ao longo do percurso histórico e, finalmente, com a construção do território patrimonializado. Buscamos, portanto, identificar em que medida os cursos d'água dentro da área urbana ainda desempenham o papel de suporte coletivo da memória coletiva e da história, considerando o contexto contemporâneo, marcado por uma racionalidade neoliberal. Nos questionamos em que medida a expansão urbana atrelada à indústria cultural por meio do turismo, impactam a relação da população ouropretana com os cursos d'água.

Para o desenvolvimento deste trabalho faz-se necessário definir o entendimento que adotamos para cursos d'água. Segundo a Agência Nacional de Águas (2019): "Um curso de água (curso d'água ou fluxo de água) é qualquer corpo de água fluente, como rios, córregos, riachos, regatos, ribeiros, entre outros". Neste sentido, iremos adotar neste trabalho a noção de cursos d'água relacionada ao fluxo da água, desta forma, tais ele-

mentos configuram um importante fator de análise da composição da paisagem urbana da cidade de Ouro Preto. Ampliando a definição apresentada, incluímos no entendimento de fluxo, os elementos simbólicos e culturais que são construídos a partir da ocupação e da vivência dos espaços nos entornos dos cursos d'água. Outro conceito importante para pontuarmos é o de paisagem urbana, definido aqui pela aproximação das abordagens de Meneses (2002) e do geógrafo Santos (1999). Menezes (2002) destaca a paisagem enquanto fato cultural, resultado da construção humana sobre o território natural. Tal consideração abre o debate para a definição de paisagem enquanto elemento patrimonializado, onde a ação humana ao longo da história foi criando relações de identidade e identificação com o espaço.

Para Santos (1999), a paisagem é formada pela associação de elementos fixos e dos fluxos, considerando, tanto os elementos materiais que compõem a paisagem, quanto os fluxos sociais, econômicos, culturais, simbólicos atrelados ao espaço. Assim, ao analisarmos a conformação da paisagem urbana da cidade de Ouro Preto a partir de sua relação com os cursos d'água, teremos como foco a composição física e simbólica dela, bem como as ressignificações desses elementos no contexto contemporâneo. Posto isto, cabe destacar que os cursos d'água são elementos compositivos da paisagem urbana da cidade de Ouro Preto, conseqüentemente, do território patrimonializado. Ressaltamos aqui, que a abordagem de patrimônio cultural adotada ao longo deste trabalho, está relacionada a uma visão ampliada, na qual consideramos tanto os elementos materiais que compõem o território e, sobretudo, as manifestações imateriais.

2. A ÁGUA E O TERRITÓRIO: A CONFORMAÇÃO URBANA DE OURO PRETO

A ocupação do território de Ouro Preto está relacionada à mineração durante o período da colonização. A descoberta de ouro na região atraiu exploradores e os olhares da coroa portuguesa. O território escolhido para o desenvolvimento da cidade está localizado na Serra de Ouro Preto, um divisor de água das bacias hidrográficas do Rio Doce e do Rio das Velhas. A escolha do território teve como condicionantes os cursos de água, devido à mineração, que em um primeiro momento, ocorreu nas calhas do rio, como ressaltou Ferreira (2017), na chamada mineração de aluvião. Assim, destacamos o uso da água no início do processo de ocupação do território, sobretudo, como um recurso que viabilizou a exploração econômica pela mineração, e, a sobrevivência dos exploradores. As localizações dos arraiais também estavam atreladas à proximidade com água, como elemento de desenvolvimento social, já que a escolha para implantação das capelas e das habitações estava condicionada à topografia e sua relação com o acesso aos cursos d'água. Percebemos, portanto, que desde o seu início, o processo de ocupação do território, condicionado pela exploração mineradora, teve a natureza compreendida como recurso a ser explorado economicamente. Se por um lado, a principal atividade econômica dependia da água, por outro lado, o sucesso do povoado, estava associado aos recursos disponíveis para a sobrevivência dos exploradores e moradores da região.

Vila Rica, primeiro nome da cidade de Ouro Preto, resultou da junção dos arraiais de Antônio Dias, Pilar e Ouro Preto. Tais arraiais se localizavam ao longo dos córregos, essenciais para o desenvolvimento urbano, marcados pela geografia acidentada. Podemos observar na Figura 1 o processo de urbanização da cidade, destacando a relação da ocupação urbana com os córregos, a construção da ponte (em verde) e os arruamentos executados, como descreveu Vieira (2016, p. 44):

Vale mencionar que a identificação das pontes e córregos de Vila Rica é de fundamental importância para entendermos a estrutura urbana da cidade: Ouro Preto formou-se a partir da localização das catas de ouro, ao longo dos córregos, onde os exploradores construía assentamentos provisórios, organizados em torno de uma capela primitiva. A consolidação dessa forma de organização inicial do espaço gerou arraiais, instalados ao longo de uma estrada principal, chamada caminho tronco. Os arraiais, ao se desenvolverem, entrelaçaram-se ainda na primeira metade do século XVIII.

O Caminho Tronco – primeiro eixo de ocupação, que ligava Ouro Preto à cidade de Mariana – margeava e se encontrava com alguns cursos d'água, o que facilitou o desenvolvimento local. Cabe ressaltar que na serra ocupada pelo núcleo urbano havia inúmeras nascentes, bicas, assim criando uma relação direta da população com a água.

314

Na primeira metade do século XVIII, a cidade se desenvolveu ao longo do Caminho Tronco. Ouro Preto, na época denominada Vila Rica, era considerada o centro cultural e político da Colônia. Neste período, há a construção de pontes e chafarizes, o que potencializou a ocupação nos dois lados do Caminho Tronco. Entre a segunda metade do século XVIII e início do século XIX, verifica-se uma considerável expansão da área urbana e a construção de edifícios públicos. O início do século XIX é marcado pela transferência da coroa portuguesa. Ainda durante o século XIX, há escassez do ouro, gerando o início da decadência econômica da cidade. Ao longo do século XIX, com a decadência do ouro, buscou-se outras formas de desenvolvimento econômico com investimentos científicos. Há a abertura de novas vias e da iluminação pública com lampiões. Em 1889, é inaugurada a estação de passageiros no Bairro Barra, bem como a canalização do córrego. Tal ação induziu a expansão urbana por meio de ocupações em direção à ferrovia (Costa e Netto, 2015).

No final do século XIX e início do século XX, ocorreu a mudança da capital de Minas Gerais para Belo Horizonte, marcando um período de grandes mudanças na cidade de Ouro Preto. O investimento na indústria foi uma tentativa de recuperação econômica, assim, a implantação da Fábrica de Tecidos de Ouro Preto foi um ponto fundamental. A escolha do local próximo ao córrego do Funil e à uma queda d'água (cachoeira do Tombadouro) era essencial para a produção de energia, dando origem a Companhia Industrial de Ouro Preto – fábrica e serviço de iluminação (Cardoso, 2017). Percebemos também que ocorreu uma expansão habitacional do outro lado do Córrego do Funil em direção ao Sul.

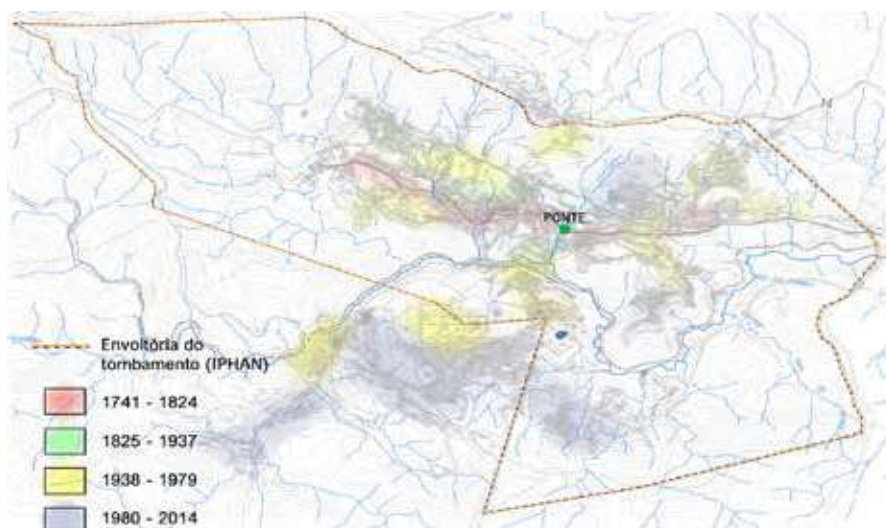


Figura 1: Mapa da evolução urbana de Ouro Preto e rede hidrográfica.

Fonte: Produção dos autores, 2021, com base em mapa da Secretaria de Patrimônio de Ouro Preto, 2018.

A década de 1940 é marcada pela ação do Serviço do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (SPHAN), criado em 1937, que buscando identificar elementos que representassem a identidade nacional, encontrou na cidade de Ouro Preto o berço para suas ações de preservação, dentro de uma perspectiva idealizada do passado. Neste sentido, o valor turístico da cidade foi ressaltado, sendo seu auge quando do título de patrimônio mundial pela UNESCO, na década de 1980. A valorização do centro histórico pelo turismo resultou na expansão periférica da cidade, seja de forma planejada – como o bairro Bauxita a sudoeste –, ou pelas ocupações irregulares dos morros.

315

2.1. Água, bens comuns e herança cultural

A água esteve presente ao longo da exploração e consolidação do território de Ouro Preto, podendo ser considerada como um bem comum e herança cultural. Para tanto, faz-se necessário retomar o entendimento de comum enquanto elemento que compõe o espaço urbano, assim, iremos nos ater na concepção de espaço dos comuns dos autores Montaner e Muxí (2021, p. 97): “O espaço dos comuns, especificamente, surge no âmbito da vida cotidiana, da reprodução e dos cuidados, da convivência e das relações; longe dos mecanismos do estado e do mercado”.

Ao analisarmos a relação da população de Ouro Preto com os cursos d’água e chafarizes, iremos nos concentrar na percepção destes enquanto bens comuns, elementos da vida cotidiana e que, idealmente, dizem respeito, sobretudo, aos moradores. Os chafarizes implan-

tados na cidade se localizam em espaços públicos, evidenciando seu caráter enquanto bem comum, como podemos observar na descrição de Mawe (1978, pp. 122-123):

A maior parte das ruas se encontram em degraus, desde a base até o vértice da montanha e atravessada por outras, que seguem a direção da subida. É bom o abastecimento de água, conduzida a muitas casas de maneira muito cômoda e agradável. Há nas ruas muitos chafarizes; conquanto não sejam de arquitetura comparável à das fontes da Itália, são bem construídos. (...) O lado sobre o qual se ergue a cidade apresenta várias pequenas colinas, que formam despenhadeiros e barrancos estreitos.

Vieira (2016) destaca a importância da captação e distribuição das águas durante o processo de consolidação urbana de Ouro Preto, assim como Vasconcellos evidenciou que os chafarizes foram a obra pública mais importante do governo Gomes Freire de Andrade entre os anos de 1735 e 1763. Vasconcellos (2011) ainda ressalta a abundância de água na cidade: “Os incontáveis olhos-d’água que se espalham por todo o sítio da povoação, abrigam brejos e barreiros, mas possibilitam, também, as inúmeras bicas residenciais e fontes públicas ‘todas de maravilhosa e cristalina água’ das quais se orgulha a Vila”. (Vasconcellos, 2011, p. 64)

A Figura 2 representa o chafariz implantado na Praça Tiradentes, o principal espaço público da cidade. A representação simbólica deste elemento na praça reforça o imaginário coletivo do chafariz enquanto um bem público e coletivo, portanto, um elemento patrimonial que é preservado para as futuras gerações. Hoje, o chafariz faz parte do circuito turístico do centro histórico de Ouro Preto

316



Figura 2: Chafariz na Praça Tiradentes, Ouro Preto.

Fonte: Camila Guimarães, 2018.

Um outro bem comum relacionado ao elemento água e que estrutura a mobilidade na área urbana diz respeito às pontes. Na Figura 3 podemos observar a Ponte de Antônio Dias construída em um trecho do Caminho Tronco sobre o Córrego de Antônio Dias, sendo a mesma ponte que foi destacada no mapa da Figura 1. A presença do córrego é resignificada pelos fatos históricos que acompanham a composição da paisagem de Ouro Preto, como a história de Marília de Dirceu. Se em um primeiro momento a ponte se relacionava diretamente à morfologia urbana de Ouro Preto, hoje seus valores foram resignificados por fatos históricos que ocorreram durante a Inconfidência Mineira no final do século XVIII, que viria a se tornar um importante ponto turístico da cidade. A ponte liga o percurso ao chafariz Marília de Dirceu, localizado em área pública no Caminho Tronco, o que ressalta a importância deste espaço enquanto parte do patrimônio cultural de Ouro Preto.



317

Figura 3: Ponte Antônio Dias sobre o córrego homônimo. Fonte: Camila Guimarães, 2018.

3. OS CURSOS D'ÁGUA EM OURO PRETO: PERSPECTIVAS CONTEMPORÂNEAS

A relação da população com os cursos d'água no contexto contemporâneo sofre influência dos processos de produção da cidade. O modelo de exploração do território pela indústria cultural, que por meio do turismo exerce poder sobre a percepção da paisagem urbana, coloca em evidência apenas uma região da cidade, aquela que faz parte do circuito turístico – o chamado Centro Histórico – em detrimento ao restante da cidade, que concentra as moradias como por exemplo os bairros Antônio Dias, Padre Faria, Bauxita, Barra, Cabeças e Alto da Cruz. A valorização do centro histórico pela patrimonialização global na década de 1980, aumentou a especulação dos imóveis no centro da cidade, intensificando a busca por moradias nos morros e áreas periféricas.

Tal situação junto às condições morfológicas do território tem gerado sérias consequências para a população, como ocupações em área de risco, deslizamentos de encostas, e,

em especial, problemas de saneamento. Este último, responsável pela poluição dos cursos d'água, principalmente aqueles próximos às áreas urbanizadas. Segundo o Atlas Esgotos da Agência Nacional de Águas (2013), em Ouro Preto apenas 1,69% de seu esgoto é manejado de forma adequada, valor extremamente baixo em comparação com a média do estado de Minas Gerais (43,73% coletado e tratado), fator esse que interfere diretamente na relação da população com os cursos d'água em áreas urbanas.

A complexidade da situação do município pode ser observada nos recentes acontecimentos, que estamparam os principais jornais do país. O início de 2022 foi marcado por intensas chuvas e deslizamentos de terra na cidade de Ouro Preto, reafirmando problemas com as ocupações das encostas e a permanência da atividade mineradora na região. Podemos observar no mapa da Figura 4, as áreas de risco mapeadas pela Defesa Civil (2022), totalizando 313 áreas de risco. O contexto atual da cidade, marcado pela rápida expansão urbana, pelos problemas de acesso à moradia, pelas ocupações irregulares somado às mudanças climáticas, como o aumento das chuvas, refletiu em inúmeras famílias desabrigadas e desalojadas, trânsito interditado, problemas com fornecimento de água e energia na região.



Figura 4: Montagem realizada com o mapa das áreas de risco na cidade de Ouro Preto. Fontes: Produção dos Autores, 2022., com mapa da Defesa Civil de Ouro Preto (2022) e fotos da (1) Rua Padre Tobias, (2) Ponte sobre o córrego da Barra, (3) Área da Estação Ferroviária e (4) Percurso do Horto dos Contos; Camila Guimarães, 2022.

Selecionamos quatro áreas no mapa para analisarmos as consequências decorrentes das chuvas de janeiro de 2022. No número 1, correspondente a Rua Padre Tobias no bairro Antônio Dias, percebemos que as moradias margeiam o curso d'água, sem áreas de preservação que possam dar suporte aos períodos de cheias. A falta de espaço público de lazer

ou contemplação próximo ao curso d'água, faz com que sua presença seja percebida apenas pelo suave barulho do fluxo da água em meio ao trânsito de veículos. Já o número 2 do mapa corresponde à ponte sobre o córrego no bairro Barra, onde também notamos as mesmas características da situação anterior: não há áreas de preservação e a proximidade das construções do córrego. A casa que observamos a frente do lado esquerdo da foto, foi inundada pelo transbordamento do córrego poucos dias após a realização da fotografia, tal situação reflete os conflitos vivenciados pela população que mora próxima aos cursos d'água. Percebemos, portanto, que o modelo de ocupação urbana próximo aos cursos d'água, as medidas imediatistas dos governantes para solucionar problemas pontuais como as enchentes e transbordamentos de córregos, sem conseguirem planejar, a longo prazo, as destinações destes espaços, coloca os moradores em situações de risco e vulnerabilidade. O número 3 representa a região próxima à estação ferroviária de Ouro Preto, onde no dia 13 de janeiro de 2022 ocorreu o deslizamento de terra que soterrou o casarão Solar Baeta Neves¹, construído no século XIX, evidenciando os problemas gerados pela intensa ocupação do solo, seja por moradia ou por sua exploração econômica. São ameaças à paisagem natural e cultural da cidade considerada patrimônio mundial.

Por outro lado, um exemplo de aproveitamento dos cursos d'água como espaços públicos de lazer foi a reabertura do Parque Horto dos Contos, criado em 1799 e reaberto em 2008 para visitação por meio de trilhas que se fazem presente no Centro Histórico (representa o número 4 na montagem da figura 4). Destaca-se o potencial destes espaços como possibilidades de aproximar os roteiros turísticos dos roteiros cotidianos de seus habitantes.

319

Além dos problemas ambientais gerados pelas ocupações e falta de tratamento do esgoto, ainda há a relação com o patrimônio cultural, como observamos no soterramento do Solar Baeta Neves, protegido pelo IPHAN por pertencer ao conjunto arquitetônico e urbanístico de Ouro Preto. Neste sentido, considerando as edificações, os chafarizes e as pontes como elementos de composição da paisagem cultural de Ouro Preto, percebemos um outro valor associado à compreensão da paisagem, que é o valor do patrimônio e que, segundo Montaner e Muxí (2010), representa a coletividade. Neste sentido, os autores chamam a atenção para a necessidade de preservação do patrimônio pelo poder público, que encontra barreiras nas apropriações por agentes privados, que os exploram como suporte da atividade turística. Enquanto a indústria cultural por meio do turismo coloca em evidência parte da cidade, ela também pode induzir formas de ocupação urbana que apagam monumentos históricos importantes, favorecendo os usos de suporte ao turismo. Um exemplo de como os chafarizes foram perdendo seu espaço enquanto um símbolo coletivo de acesso à água no espaço público e sua visibilidade enquanto ponto turístico está relacionado aos aspectos de sua localização frente ao processo de transformação urbana e ao modelo de planejamento

¹O Solar Baeta Neve integra o conjunto urbanístico tombado pelo IPHAN em 1938, a edificação foi restaurada pelo Programa Monumenta, do IPHAN, em parceria com a Prefeitura de Ouro Preto em 2010, porém, encontrava-se interditado desde 2012 em consequência de desmoronamento de trechos da encosta.

que responde aos problemas da cidade de forma imediatista. Neste sentido, a necessidade de ampliar as áreas de automóveis, bem como das vagas de estacionamento, acabaram gerando ruídos visuais para a presença desses elementos nos espaços públicos.

O rápido crescimento urbano frente a produção da cidade contemporânea impacta a relação entre território, memória e identidade. O que, em alguns casos, pode resultar em um processo de banalização da cultura e dos espaços de produção de sociabilidades, na medida em que as relações comerciais e de lucro sobressaem aos valores simbólicos culturais do local. Neste sentido, a banalização² dos valores culturais associados à presença dos chafarizes na paisagem urbana pode ser observada no chafariz dos Contos na Figura 5. Mesmo com sua restauração e a ativação do fluxo de água, percebemos como a sobreposição de camadas e temporalidades no território colocaram o chafariz em segundo plano, apagado pelos carros estacionados em frente ao chafariz.



*Figura 5: Chafariz dos Contos.
Fonte: Camila Guimarães, 2018.*

Neste sentido, podemos analisar como as estratégias relacionadas à potencialização do turismo podem impulsionar a transformação de uma área, como observado nas Figuras 6 e 7. A Figura 6 representa a antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto, implantada no século XIX, a escolha da localidade para implantação estava associada à queda d'água (Figura 7), pois havia a intenção de usá-la para geração de energia. Junto à fábrica foram implantados uma estação ferroviária e um conjunto de casas para alojamento. Com a desativação da fábrica no final dos anos de 1990, a região passou por um processo de decadência da estrutura física quanto do meio ambiente do entorno.

² A noção de banalização adotada neste texto tem como referência o trabalho desenvolvido por Francesc Muñoz (2008), que mobiliza o conceito de “urbanização” como forma de identificar o processo de banalização da paisagem urbana. Na concepção do autor a “urbanização” é definida a partir de três processos simultâneos: especialização econômica e funcional; segregação morfológica do espaço; tematização da paisagem urbana.



*Figura 6: Antiga Fábrica de Tecidos de Ouro Preto.
Fonte: Camila Guimarães, 2017*



*Figura 7: Cachoeira do Tombadouro (Córrego do Funil).
Fonte: Camila Guimarães, 2017*

Atualmente, a Estação Vitorino Dias, que faz parte do complexo da antiga fábrica, é ponto de passagem do trem turístico da cidade “Trem da Valle”, que liga Ouro Preto e Mariana. O passeio turístico tem como uma das paisagens o complexo da fábrica abandonada. Assim, com o potencial turístico da área, o complexo da fábrica foi reformado e transformado em um Centro de Eventos. Os aspectos ambientais relacionados ao córrego e à cachoeira ainda não foram incorporados na transformação da região, mostrando um distanciamento entre a edificação e o curso d’água, elemento que foi definitivo para a construção da fábrica e conseqüentemente da estação. Os conflitos gerados pelas diversas formas de exploração do território transformam a cidade de Ouro Preto em uma complexa trama, gerando paisagens contraditórias: de um lado o Centro Histórico preservado, representado na Praça Tiradentes enquanto símbolo do patrimônio cultural brasileiro; por outro lado, o processo de arruinamento e apagamento dos elementos naturais, como os cursos d’água, por um modelo de ocupação urbana excludente.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A conformação da cidade de Ouro Preto esteve fundamentalmente ligada aos cursos d'água, seja pela exploração do ouro na região ou por seu uso enquanto recurso essencial para sobrevivência no território. Porém, as relações com os cursos d'água foram sendo resignificadas ao longo da história, principalmente com o adensamento populacional e as consequências da transformação do território em mercadoria pela indústria cultural.

Os deslizamentos de terra e as inundações impulsionadas pelas chuvas de janeiro de 2022 intensificaram o debate acerca das consequências perversas do modelo de ocupação do território e de exploração da natureza, gerando graves consequências para os moradores e para a preservação do patrimônio cultural. Neste sentido, ressaltamos a extrema necessidade de compreender o patrimônio para além das arquiteturas e objetos construídos, devendo, portanto, considerar o patrimônio ambiental e imaterial como chaves para o processo de preservação.

Percebemos conflitos significativos entre a expansão urbana e a forma como os cursos d'água foram sistematicamente apagados pelo adensamento construtivo, em especial nas áreas mais afastadas do circuito turístico da cidade. Os conflitos gerados pelo processo de expansão urbana relacionados aos cursos d'água são intensificados nos períodos de chuva, em consequência das ameaças ambientais à cidade, como por exemplo, deslizamentos de terra, paralisação e redução da circulação de veículos, falta de energia elétrica e até mesmo interrupção no fornecimento de água.

Analisar as questões da paisagem urbana, sem considerar a sobreposição dos elementos fixos e dos fluxos (Santos, 1999), ou seja, dos elementos materiais e dos aspectos simbólicos, reflete em uma ameaça ao patrimônio cultural e à vida cotidiana dos moradores. Uma vez que as atividades decorrentes da classificação da cidade enquanto patrimônio mundial, como os processos de turistificação associados aos processos de banalização, tendem a especialização econômica e funcional do centro histórico por meio do turismo, junto à segregação morfológica do espaço. Processos que têm resultado nas ocupações periféricas em área de risco, e, tensionando as relações dos moradores com os cursos d'água.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Agência Nacional de Águas. (2013). Você sabe a diferença entre curso de água e massa de água? Disponível em: <https://www.facebook.com/anagovbr/posts/1889825851118317>. Acesso em: 09/05/2022.
- Agência Nacional de Águas. (2019). Atlas Esgotos. Ouro Preto. Ouro Preto, MG. Disponível em: <http://atlasesgotos.ana.gov.br/>. Acesso em: 23/12/2021.
- Cardoso, N. A. N. (2017). Complexo do Tombadouro. Uberaba, MG: Universidade de Uberaba.
- Costa, S. de A. P., & Netto, M. M. G. (2015). Fundamentos de morfologia urbana. Belo Horizonte: C/Arte.

- Defesa Civil de Ouro Preto (2022). Áreas de Risco. Ouro Preto, MG. Disponível em: <https://defesacivil.ouropreto.mg.gov.br/>. Acesso em: 16/01/2022.
- Ferreira, E. E. (2017) Patrimônio mineiro na Serra do Veloso em Ouro Preto-MG: registro, análise e proposição de circuitos geoturísticos interpretativos. (Dissertação de Mestrado). Departamento de Geologia, Escola de Minas, Universidade Federal de Ouro Preto, MG.
- Guimarães, C. F., & Alves, M. R. (2022). Ouro Preto, materialidades e espacialidades de sua paisagem. In Cadernos do Arquivo Municipal, v. 17, p. 109-128, Lisboa. Disponível em: <http://arquivomunicipal.cm-lisboa.pt/pt/investigacao/cadernos-do-arquivo-municipal/2-serie/numero-17>. Acesso em: 09/04/2022
- Mawe, J. (1978). Viagens ao Interior do Brasil. Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo, SP: EDUSP.
- Meneses, U. T. B. de. (2002). A paisagem como fato cultural. In Yázigi, E. (Org.) Turismo e paisagem. São Paulo: Contexto.
- Montaner, J. M., & Muxí, Z. (2021). Política e arquitetura: Por um urbanismo do comum e ecofeminista. São Paulo, SP: Editora Olhares.
- Muñoz, F. (2008). Urbanización: Paisagens comunes, lugares globales. Barcelona: Gustavo Gili.
- Reis, N. G. (2000) Imagens de Vilas e Cidades do Brasil Colonial. São Paulo: EDUSP/FAPESP.
- Santos, M. (1999). A Natureza do Espaço: espaço e tempo, razão e emoção. 3ª ed. São Paulo: Hucitec.
- Secretaria de Patrimônio de Ouro Preto. (2018). Mapa base da cidade formato dwg. Prefeitura Municipal de Ouro Preto, MG.
- Vasconcellos, S. (2011). Vila Rica. São Paulo: Perspectiva.
- Vieira, L. de C. (2016). O colonial como marca: aspectos da evolução urbana de Ouro Preto. (Tese de Doutorado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo.